

**A ETNOMÍDIA INDÍGENA NAS ALDEIAS E NAS REDES:
ENTREVISTA COM A JUVENTUDE INDÍGENA DE LUTA,
OS ESPAÇOS COMUNICATIVOS E O FORTALECIMENTO
ANCESTRAL E IDENTITÁRIO**

***INDIGENOUS ETHNOMEDIA IN THE VILLAGES AND SOCIAL
NETWORKS: INTERVIEWS WITH INDIGENOUS YOUTH ABOUT
THE COMMUNICATIVE SPACES OF FIGHTING,
STRENGTHENING ANCESTORS AND IDENTITY***

Leonardo Zenha¹

271

RESUMO

Essa entrevista traz um panorama da atuação de um jovem da Etnia Arapium, da região do Baixo Tapajós, no Estado do Pará. O comunicador indígena versa sobre o processo de construção de uma mídia indígena/etnomídia. Ele pontua que as tecnologias digitais tornaram-se um meio fundamental para se evidenciar as questões pertinentes aos povos indígenas, bem como o fortalecimento de sua identidade. Destaca-se a potência dessa comunicação em rede, em criar possibilidades de métodos junto com as organizações e os jovens comunicadores indígenas. Salienta-se que a comunicação por meio do digital em rede é um espaço importante para pensar a comunicação dos povos indígenas e suas lutas. Haja vista, o premente entendimento que os povos indígenas necessitam ocupar cada vez mais os espaços ciber culturais. Ademais, é reafirmado que a comunicação indígena está junto com a educação, e a valorização de uma ciência ancestral e indígena.

Palavras-chave: Etnomídia. Etnocomunicação indígena. Povos indígenas. Amazônia.

ABSTRACT

This interview provides an overview of a young man's work from the Arapium ethnic group from the Baixo Tapajós region, in the State of Pará. The indigenous communicator talks about the process of building indigenous media/ethnomedia. He points out that digital technologies have become a fundamental means of highlighting issues pertinent to indigenous peoples, as well as strengthening their identity. It highlights the power of digital communication in creating possibilities methods with organizations and young indigenous communicators. It

¹ Doutor em Políticas Públicas e Formação Humana pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ. Professor Adjunto da Universidade Federal do Pará – UFPA. e-mail: leozenha@ufpa.br.

should be noted that communication through digital networks is an important space to think about the communication of indigenous population and their struggles. Given the pressing understanding that indigenous peoples need to increasingly occupy cybercultural spaces. Furthermore, it is reaffirmed that indigenous communication goes hand in hand with education, and the appreciation of ancestral and indigenous science.

Keywords: Ethnomedia. Indigenous ethnocommunication. Indian people. Amazon.

INTRODUÇÃO

Essa entrevista foi concedida em abril de 2022, no Acampamento Terra Livre, em que o jovem indígena Alexandre Arapium, quem era responsável por cobrir o evento cujo tema deste acampamento foi “Retomando o Brasil: Demarcar Territórios e Aldear a Política”, representando seu povo Arapium e sua organização. Cabe ressaltar que, no referido ano, o Brasil estava em clima de eleições para o pleito: presidente da república, governadores nos estados, senadores, deputados federais e deputados estaduais. Salienta-se que nesse contexto o país vivia um clima de polarização política. Ou seja, de um lado tinha-se um projeto anti-indígena representado por Jair Messias Bolsonaro, quem ocupou o cargo de presidente nos últimos quatro anos, em um governo marcado por ataques aos territórios indígenas, que sobressaia a letargia e desinteresse em combater o garimpo ilegal nas terras indígenas, a pressão para votação e, alimentava o desejo pela aprovação do Marco Temporal e, conseqüente violações dos direitos desse coletivo. Por outro lado, havia a proposta de retorno do governo petista para presidência representado por Luís Inácio Lula da Silva, quem assinalava o compromisso de garantir a criação do Ministério dos Povos Indígenas, bem como a defesa e demarcação dos territórios das populações indígenas e garantia da normalidade democrática. Pois, vivenciou-se no governo de Bolsonaro uma instabilidade antidemocrática, o que fez-nos rememorar o período da ditadura civil militar no Brasil.

Posto isso, esse acampamento foi considerado a maior assembleia dos povos e organizações indígenas do Brasil desde 2004, ano de sua criação. Desse modo, esse evento tomou grandes proporções política e social, sobressaindo a reafirmação dos direitos, das culturas e dos territórios dos povos indígenas. Sendo assim, esse espaço assinalou a consolidação da

organização indígena nos últimos anos como um grande movimento de conversas, trocas, articulações, luta e resistência dos povos indígenas, bem como de reafirmações de propostas de políticas públicas desses povos.

Salienta-se que essa entrevista foi fruto de um processo de pesquisa de pós-doutoramento realizado na Universidade Federal do Mato Grosso, com estágio na Universidade de Córdoba, na Argentina, no ano de 2022. Esse aprofundamento investigativo teve como foco as práticas e discussões em torno do contexto comunicativo indígena, o que alguns teóricos (NASCIMENTO, BASTOS 2020 e ZENHA; GRANDO, SILVA 2022) denominam de etnocomunicação indígena ou etnomídia indígena.

Entendemos conjuntamente com os referidos autores sobre a importância dessa comunicação na contemporaneidade, que permite romper as barreiras/entraves dos processos hegemônicos, ainda presentes nessa “produção” comunicacional. Dito de outra maneira, pela vivência junto com os jovens comunicadores indígenas como um “nós falando de nós”, ou dizendo de outra maneira a mídia construída e divulgada pelos próprios indígenas. Desse modo, essa entrevista traz à cena a forma atual de organização indígena, considerando a importância do fazer comunicacional por meio das tecnologias digitais em rede e, como esse modelo está sendo estruturado, embora ainda pouco compreendido e apoiado pelas políticas públicas brasileiras.

ENTREVISTA

Leonardo Zenha: Quem é Alexandre Arapium?

Alexandre Arapium: Sou da Etnia Arapium, da região do Baixo Tapajós, no Estado do Pará, mais precisamente, na região do rio Arapiuns. Venho da aldeia Nova Vista, território Terra Preta. Hoje, estou morando em Santarém, onde boa parte da juventude sai do território para morar ou estudar. Mas é claro, que a gente tem uma organização no baixo Tapajós, que é o Conselho Indígena Tapajós e Arapiuns (CITA). CITA é um conselho que reúne os 13 povos da região do baixo Tapajós [hoje 14 povos], que representa 76 aldeias [hoje 106], 18 territórios entre três municípios: Santarém, Aveiro e Belterra. Portanto, o CITA representa as aldeias e os territórios

desses municípios. E aí, a gente tem dentro desse conselho, os departamentos, um deles é o departamento das mulheres. As mulheres indígenas trabalham dentro do território com outras mulheres indígenas nos respectivos trabalhos artesanais e também cuidando das mulheres, quando elas vão fazer o parto nas cidades. Enfim, todo esse cuidado! [Destaca.]

A gente, também, tem o departamento dos jovens, que reúne os jovens da região das 76 aldeias [hoje 106]. A gente tem hoje a representação de coordenações dentro desse departamento. E aí, entendo o grande trabalho que o CITA faz na região como um todo; como de representar essa grande massa da população indígena.

Entendo, também, que o CITA é uma organização indígena tão grande quanto à Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira [COIAB], por exemplo, pois ele reúne todas as coordenações da Amazônia quanto aos Povos Indígenas no Brasil [PIB]. Hoje, o CITA tem essa capacidade política de organizar esses povos tão quanto essas organizações nacionais e regionais.

Leonardo Zenha: Conte-me um pouco sobre a rede de comunicação?

Alexandre Arapium: Entendendo essa grandiosidade do CITA, a gente enquanto jovens indígenas sentiu essa necessidade de fazer uma espécie de rede de comunicadores na região. Hoje, a gente tem o departamento de mídias do Conselho Indígena Tapajós Arapiuns, a mídia Maku. Maku significa - indígena - na [linguagem] Nheengatu.

A mídia Maku não é como o departamento de mulheres e de jovens, mas ele funciona como uma assessoria de comunicação para o CITA com todos os seus respectivos departamentos. Então, a gente já vinha com uns trabalhos de comunicadores autônomos nessas regiões como o território Kumaruara, que tem grande domínio da comunicação, e tudo mais. E aí, sentindo essa necessidade de reunir todos esses comunicadores, a gente busca parcerias com organizações, até mesmo, com o COIAB [Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira], FEPIPA [Federação dos Povos Indígenas do Pará], para dar esse apoio e suporte na comunicação. Grandes ONGs, inclusive grandes organizações, através dos nossos projetos auxiliaram a gente nessa construção. Recentemente, entendendo a necessidade de ter uma estrutura maior de

comunicadores capacitados, com uma estrutura de equipamentos adequada p'ra gente trabalhar, a gente conseguiu ganhar um edital, em que a gente passou uma semana na sede do CITA, em Santarém. A gente passou fazendo uma formação com mais de 14 jovens de diferentes etnias, falando sobre a política do território, a mídia, a tecnologia, e entendendo que é só um meio de falar da nossa política e da nossa construção [identitária].

Então, a gente inicialmente fez a construção política com a juventude e, depois, fez essa parte mais técnica de comunicação, que coincidentemente, bateu com agenda do CITA, que fez uma visita nos territórios de algumas aldeias do Rio Arapiuns para falar sobre protocolo de consulta dentro das aldeias. E aí, a gente foi fazer o trabalho em campo, né? Então, a gente terminou a formação e já foi para os territórios colocar em prática esse trabalho. Nessa viagem, a gente fundou a mídia Maku². A gente teve uma reunião com os jovens comunicadores para fundar essa rede de comunicadores, e essa criação desse departamento, e foi só um passo para a rede de comunicadores que a gente quer formar. Então, a gente deu esse primeiro passo de formar esses comunicadores desses territórios, e já partiu para o campo, para esse trabalho. E, o nosso próximo passo é, a partir desses jovens, voltar para os 18 territórios e fazer a formação com cada território para que a gente crie essa rede de comunicadores entre esses territórios; para que a gente consiga fazer essa ligação entre as cidades e territórios, mas também, do território-cidade e cidade-Brasil; para que a gente consiga dar visibilidade mesmo a nossa construção. A gente tem grandes figuras indígenas na região que tem uma potência política muito grande, uma política não necessariamente partidária, mas uma força de juntar nossa luta mesmo com a ajuda dos outros povos e das outras regiões.

Hoje, a gente usa justamente o trabalho da comunicação para falar da gente, ou seja, para que nós mesmos [possamos] falar de nós, ou melhor, que nós mesmo [possamos] produzir o nosso próprio trabalho, mas também, entendendo que esse é um micro das coisas. Pois, a gente que mora na região Amazônica, o indígena é muito tapeado. Nos editais de comunicação, por exemplo, os grandes editais que abrem para falar sobre o espaço da Amazônia, as pessoas que vêm de fora, já super capacitados, tem anos de curso, passaram dois anos morando na região,

² <https://www.instagram.com/midiamaku/>

[eles] consegue[m] ganhar o edital, enquanto o indígena que tem condição política e domínio sobre o conteúdo porque [trata-se] da nossa vivência acaba ficando de escanteio. Então, a falta dessa formação, de chegar [essa formação] no território, até mesmo por meio dessa espécie de cota, para que a gente consiga, cada vez mais, ocupar esse espaço, não só para falar sobre a nossa vida enquanto indígenas, mas entendendo que nós somos produtores, comunicadores indígenas, que podemos falar sobre qualquer coisa, não necessariamente sobre povos indígenas ou floresta ou Amazônia.

Então, até quando grandes produções vão para dentro do nosso território para falar sobre fazer filmes de teor dos povos indígenas? Eles chegam lá, fazem essa seleção com parentes que tem somente características indígenas. Isso para nós já é um preconceito, pois acabam escolhendo somente aqueles parente[s] que tem um cabelo de cor e a pele mais escura e o olho puxado. Já é um passo que mostra o racismo dessas grandes produtoras, além de chegar lá de forma colonizadora, não contactam os produtores culturais indígenas da região, que podem também está incluso nesse trabalho para falar sobre a nossa região. Entendendo, justamente, todas essas gama[s] de problemática juntamente com a luta de bases no nosso território, de fortalecer a base dos nossos parentes, que estão dentro das aldeias. Então, a gente decidiu formar esse departamento de mídia e, hoje, inclusive aqui no Acampamento Terra Livre a gente tá fazendo nossa estreia nacional como comunicadores. A gente tá tendo um fruto muito significativo do nosso trabalho.

Leonardo Zenha: Então, como você definiria (...) Como uma mídia indígena ou uma etnomídia?

Alexandre Arapium: Eu acredito que quando a gente conversa com as outras pessoas, até mesmo, com os nossos parentes, a gente sempre coloca a etnomídia como um espaço, onde nós, enquanto indígenas, vamos falar sobre nós [indígenas]. Mas, já caminhando nessa estrada da comunicação a gente entende que tá muito acima disso, né? Tá muito além de só indígena falando sobre indígena, mas entender que nós indígenas também, temos capacidade de produzir conteúdo que não seja somente sobre povos indígenas. A gente pode falar sobre qualquer outra... outro conteúdo, entendendo também, que somente uma reformulação muito grande nessa forma de

produção de conteúdo que vai ser capaz de inserir a gente lá, como eu falei anteriormente, as produtoras vão lá, mas não contactam com a gente e chegam de uma forma colonizadora, de só pegar o que a gente tem a apresentar, e ganhar prêmios nas outras regiões do Brasil, e nem sequer apresentar os trabalhos que foram feitos com nossos parentes nos próprios territórios. Então, é ter esse domínio de que a gente lá no território, vamos falar sobre aquele território, vamos mostrar para os parentes onde foi que eles participaram e a importância daquilo, e a partir disso, tendo consciência de que nosso trabalho é um trabalho de qualidade, a gente dá um próximo passo de que entrar nas grandes outras produções, nem precisa ser tão grande, mas estar nesse espaço de outras produções que, não necessariamente, vão falar sobre floresta ou povos indígenas.

Leonardo Zenha: A teoria colonizadora fala muito sobre a questão da etnocomunicação e a sua relação com a educação. Vocês conseguem ver isso quando vocês estão discutindo essa rede de comunicadores?

Alexandre Arapium: Sim! A gente entende que tudo que está dentro do nosso território pode ser ciência também. E, então quando a gente faz um trabalho, por exemplo, sobre a mãe d'água, sobre a mãe da mata, sobre os nossos remédios caseiros, sobre uma fala de um, de uma pessoa mais velha, sobre a fala de uma criança, a gente entende que aquilo ali, também, é um respiro de resistência que a gente produz ali naquele território, também, é ciência. Até mesmo, quando a gente entra na universidade, a gente consegue ter instalado [ter o entendimento] de que a nossa Andiroba, por exemplo, pode curar a dor na garganta, tem um teor de cicatrizar feridas. Então, o que se produz é ciência. Então, a gente utiliza a mídia e a comunicação justamente para isso. Aqui, também é ciência, [também] é educação. Até mesmo, inclusive, quando a gente foi para esse trabalho de campo dentro do território do rio Arapiuns, a gente fez matéria sobre o protocolo de consulta, que é uma lei (digamos assim), um amparo legal, que diz que a gente tem domínio sobre o nosso território; que se as pessoas quiserem colocar qualquer empreendimento no nosso território, elas têm que passar por uma série de etapas com os moradores do território. Isso é muito educativo, não só para quem não é indígena, mas para os próprios parentes que estão dentro do território que, às vezes, não tem conhecimento sobre esse poder; que eles [parentes] têm sobre o

território. Então, a gente utiliza esse espaço, essa comunicação, para ensinar os parentes sobre a nossa resistência, sobre a nossa luta, a fim de despertar essa consciência indígena, despertar para essa luta, [incluindo] as outras pessoas não indígenas.

Leonardo Zenha: Bem, eu tô fazendo uma pesquisa de pós-doc, eu sou um homem branco, envolvido com a luta indígena, pois eu acredito que a comunicação indígena tem um fator fundamental hoje, inclusive para despertar nos jovens que faz uso do celular para a questão da luta, da ancestralidade e da questão identitária. O que você deixaria de mensagem para esse processo que vocês estão vivendo e criando, inclusive, pensando nos desafios que vocês estão enfrentando?

Alexandre Arapium: Assim na região do baixo Tapajós, onde a gente mora, é até complexo a gente falar sobre esses espaços, porque historicamente as pessoas (...) O primeiro passo é do ataque, duvida[m] da nossa identidade. Na região do baixo Tapajós, a gente vive muito isso, porque a gente não fala fluentemente a nossa língua que é o Nheengatu; porque a gente não tá lá dentro da Aldeia morando numa oca, mas usando o celular, [não mais] isolado como as pessoas querem que as pessoas indígenas vivem [vivam]. Então, quando a gente mora numa região que geograficamente já não é dessa forma, as pessoas já duvida[m] da nossa identidade. E, quando a gente se apropria das coisas do branco, que é a [maneira de] comunicação, o celular e a internet, aí sim, se torna [somos], ainda mais, colocados no campo da dúvida a nossa identidade. Então é uma coisa que a gente sempre discute que a nossa identidade enquanto indígena não é [deve ser] definida pela nossa aparência ou pelo espaço, onde a gente está ocupando, mas sim pela nossa ancestralidade. E, se hoje o espaço da comunicação da internet, do Instagram e do “tuíte”, é um espaço de luta também. Por que não ocupar esse espaço, também? Se a gente deixar esse espaço vazio, outras pessoas com certeza nos atacam, vão ocupar esses espaços. Então, por que não ocupar? A gente, historicamente, tem esse poder de ocupar esses espaços de muitas conquistas das nossas e de lutas. Afinal, foi ocupando os espaços, ocupando a Universidade, ocupando a Secretaria de Saúde, Secretaria de Educação. Então, ocupar é o nosso forte, né? Então, ocupando

cada vez mais espaços, a gente vai minimamente quebrar os estereótipos, já criados, enfim (...), essa construção social de que o indígena é aquele que não tem direito, nem pode mexer no celular.

Inclusive, no ano passado, parentes nossos vieram [foram] para Brasília e o ministro Salles (ministro do Meio Ambiente no governo do Bolsonaro, no período de 2019 a 2021), tirou uma foto da nossa delegação e colocou "Tribo do iPhone", colocando nossa identidade no campo da dúvida, de que indígenas não podem ter acesso à tecnologia. Muito pelo contrário, as nossas reivindicações também, aqui dentro dos nossos territórios, é que a gente tenha a inclusão digital, que nosso parente tenha acesso a uma torre de celular para se comunicar, porque é muito difícil quando um parente é picado por uma cobra, por exemplo, não tem como fazer essa comunicação. Então, a comunicação é essencial, pois a gente nasce, a gente tem essa necessidade de comunicar, então, quando a gente se apropria das comunicação [ões] para falar das nossas dores, a gente consegue avançar muito em nossa luta.

Leonardo Zenha: Muito obrigado!

REFERÊNCIAS

NASCIMENTO, L. G.; BASTOS, P. N. Etnocomunicação ancestral e decolonial: uma análise sobre a Web Rádio Yandê. **Revista Latinoamericana de ciencias de la comunicación**, vol. 19, p. 60-70, 2020.

ZENHA, L.; GRANDO, B. S.; SILVA, C. R. B. da. Pesquisa-Formação em Etnocomunicação no Contexto Contemporâneo: saberes e fazeres indígenas na relação comunicação/educação. **Revista da FAEEBA - Educação e Contemporaneidade**. v. 31, n. 67, p. 37-54, 2022.

Submetido: 28/07/2023

Aprovado: 01/09/2023